

«No mundo em que vivemos, é indispensável recuperar energias para o corpo e o espírito, especialmente para aqueles que vivem nas cidades, onde as condições de vida, às vezes frenéticas, deixam pouco espaço para o silêncio, a reflexão e o saudável contato com a natureza». Bento XVI, papa emérito.



“Um banho em Asnières”, pintura a óleo sobre tela. Georges Seurat (séc. XIX)

trabalho e férias

1. O Homem "define-se" por muitas características. O trabalho - homo laborans - é uma dessas dimensões constitutivas do humano. E, quando falamos do trabalho, não pensamos apenas na necessidade que o Homem tem de se esforçar para poder sobreviver - ele há esta palavra tremenda: "trabalhar para ganhar a sua vida", que há dias o L'Osservatore Romano, órgão oficial do Vaticano, disse que também se deve aplicar aos padres. De facto, por outro lado, o trabalho significa o esforço comum da Humanidade para transformar o mundo, pois é transformando o mundo que o Homem verdadeiramente se realiza e toma consciência de si enquanto humano, como bem viu Hegel, concretamente na sua famosa dialéctica do senhor e do escravo, no que constitui a primeira grande reflexão filosófica sobre o trabalho, na Fenomenologia do Espírito. O escravo, pelo trabalho e transformando o mundo, não ganha apenas para o seu sustento, pois, para lá disso e sobretudo, vem a si mesmo na consciência de Homem, de tal modo que supera o senhor para quem trabalha: afinal, o senhor apenas consome o que o escravo produz.

Quando se olha à volta ou se viaja pelo mundo, por toda a parte, de um modo ou outro, o que vamos encontrando tem que ver com este esforço histórico-colectivo gigantesco de transformar o mundo e torná-lo humano. Instrumentos de trabalho, aldeias, cidades, meios de transporte - dos mais simples aos mais complexos -, monumentos, fábricas, escolas, universidades, laboratórios, bibliotecas, museus...

Assim, o trabalho tem sempre esta dupla face: por um lado, o esforço, e, por outro, a obra. O esforço está bem presente na própria palavra trabalho: deriva de tripalium, que era um instrumento de tortura. Na Bíblia, no Génesis, é dito por Deus ao Homem: "Comerás o pão com o suor do teu rosto." A outra face é a obra: o Homem, mediante o trabalho, realiza obras que o enaltecem. É construindo o mundo de múltiplos modos que a Humanidade ergue a sua História de fazer-se. A sua obra é essa.

2. Frequentemente, quando se fala de trabalho, é sobretudo em emprego que se pensa e no desespero que o desemprego representa. Neste sentido e tomando em conta, por um lado, a globalização e, por outro, a influência, por exemplo, da robotização e o que ela significará nestes domínios, penso que este é um dos temas que vai exigir uma governança global. Não vou meter-me nesta problemática gigantesca do trabalho enquanto bem escasso que é preciso saber distribuir e partilhar, com todas as consequências. Também não pretendo argumentar, como já uma vez escrevi aqui, com o matemático e filósofo Bertrand Russell, Prémio Nobel da Literatura, que há muito tempo escreveu que bastaria trabalhar quatro horas por dia, ou com o físico de renome mundial, Hans Peter Dür, que também disse que precisaríamos apenas de um terço do nosso tempo de trabalho para produzirmos o que é realmente importante... O outro tempo seria para a criatividade e sua fruição na beleza, na música, na contemplação, na filosofia...

3. E assim entro nas férias. De facto, o Homem não se define apenas pelo trabalho. A sua relação com o mundo e com os outros é também de gáudio, de gratidão, de criação e contemplação. O Homem não se esgota na produção e destrói-se quando vive apenas para sobreviver. Pelo contrário, sobrevive para viver e nesse viver estão o trabalho e também a festa, o gratuito, a alegria genuína de ser si mesmo com os outros, o inútil do ponto de vista da produção - "o fascinante esplendor do inútil", escreveu George Steiner, que também escreveu sobre a música, inseparável do sentimento religioso e que nos torna vizinhos do transcendente: "Ela foi durante muito tempo, continua a ser hoje, a teologia não escrita dos que não têm ou recusam qualquer crença formal."

Isto diz-se na palavra férias, quando se considera o seu étimo: a palavra latina *feria*, no plural *feriae*, tinha o sentido de "descanso, repouso, paz, dias de festa". A Bíblia também tem o mandamento de Deus de um dia de descanso semanal e de festa, dia santo sem trabalho, para que o Homem fizesse a experiência de que não é besta de carga, mas um ser festivo. Tem de trabalhar - e duro -, mas não é uma besta de carga.

Se se pensar bem, as férias, como aliás um dia feriado, não têm como finalidade última um intervalo no trabalho em ordem a repor as forças, para poder voltar a trabalhar e mais. As férias e um dia feriado têm a sua finalidade em si mesmos: a experiência, repito, de que o ser humano é um ser festivo. É preciso voltar às alegrias simples: a alegria do estar juntos em família e com os amigos e também a alegria de estar só para saber de si no milagre da existência, contemplar uma gota de água numa folha de erva, acolher o perfume de uma rosa, que dá perfume sem porquê, como escreveu o místico Angelus Silesius. Ler poesia e escutá-la. Ler a grande literatura, que diz as nossas possibilidades. Ouvir música, a música que é o divino no mundo e nos remete para origens imemoriais e para a transcendência, lá, para lá, onde nunca propriamente estivemos, mas é para lá que queremos ir morar para sempre.... Exaltar-se com o mistério de qualquer rosto humano no seu olhar, o olhar que é alguém vir e mostrar-se à janela de si mesmo. Apanhar sol na praia, no campo, na montanha e ver nascer o Sol e pôr-se (ah, e se ele nunca mais voltasse?!) e contemplar o alfofre das estrelas (o que na cidade não se vê). E ter tempo para ouvir o silêncio e descer ao mais fundo de si, lá onde verdadeiramente somos nós. E perceber que é possível e necessário emendar tanta coisa e ir mais longe, sempre mais longe na honra e na dignidade. E, se se for fora encontrar-se na autenticidade com culturas outras e diferentes modos de também se ser humano. E vir mais rico em humanidade e horizontes novos. Boas férias!

Pe. Anselmo Borges.

<http://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/anselmo-borges/interior/trabalho-e-ferias-8669313.html> (28/07/2017)



«Espero o verão
como quem espera
uma outra vida»

Rainer Maria Rilke

a viagem, síntese da vida cristã

O tempo constitui fundamentalmente uma espécie de coreografia interior. Dir-se-ia que a própria vida nos solicita a que a escutemos de um outro modo. É com este imperativo que cada um de nós é chamado a confrontar-se: a irresistível necessidade de reencontrar a vida na sua forma pura. Por exemplo: se a linha azul do mar nos seduz tanto, é também porque esta imensidão nos recorda o nosso verdadeiro horizonte; se subimos às altas montanhas, é porque na visão clara de cima se alcança do real, nessa visão luminosa e sem cesuras reconhecemos uma parte importante de um apelo mais íntimo; se vamos à procura de outras cidades (e, nessas cidades, de uma imagem, de um fragmento de beleza, de um não sei quê...), é também porque estamos em busca de uma geografia interior; se simplesmente nos concedemos uma experiência do tempo dilatada (refeições tomadas sem pressa, conversas que se prolongam, visitas e encontros), é porque a gratuidade, e só essa, nos dá o sabor prolongado da própria existência.

Tomemos esse verbo cunhado por Rainer Maria Rilke que diz: «Espero o verão como quem espera uma outra vida». Este verso não nos projeta para fora de nós, antes inicia-nos na arte da imersão interior. Verdadeiramente durante os longos invernos do tempo não é uma vida estranha e fantasiosa aquela que devemos esperar (e para a qual trabalhar!), mas uma vida que realmente nos pertença. É de um verão assim que Rilke fala, e que pode coincidir com qualquer estação: uma necessária oportunidade para nos imergirmos mais a fundo, mais dentro, mais alto, aceitando o risco de colher a vida integralmente e dela nos espantarmos. Na escassez e na plenitude, na dolorosa imprevisibilidade como na sabedoria confiante. Pensemos na proposta que, mais de uma vez, Jesus faz aos discípulos: «Passemos à outra margem» (Marcos 4, 35). Passar à outra margem não significa necessariamente a transferência para outro lugar, diferente daquele em que nos encontramos.

Às vezes, tudo o que nos é preciso é habitar a vida de um outro modo. É simplesmente caminhar com um outro passo nas estradas que já percorremos a cada dia. É abrir a janela quotidiana, mas lentamente, na consciência de que estamos a abrir. É reaprender uma outra qualidade para uma quotidianidade talvez demasiado abandonada às rotinas e aos seus automatismos. É, no fundo, saborear o gosto das coisas mais simples. Podemos fazer uma viagem inesquecível, fascinados pelo sabor do instante presente, pela contemplação da paisagem que nos é mais próxima, da sabedoria de uma conversa, do silêncio de um livro que já temos entre as mãos. Pensemos no que escreve Marcel Proust: «Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que passámos com um livro predileto». Que desafio, esta noção de «dias plenamente vividos», e como nos é necessário avizinhar-nos dela! «Passemos à outra margem.» As viagens não são só exteriores. Não é simplesmente na cartografia do mundo que o homem viaja. Fazer uma deslocação comporta uma mudança de posição, uma maturação do olhar, abertura ao novo, uma adaptação a realidades e linguagens, um confronto, um diálogo, inquietante ou encantado, que necessariamente deixa impressões muito profundas. A experiência da viagem é experiência da fronteira e de novos espaços, de que o homem tem necessidade para ser ele próprio. «Passemos à outra margem.»

A viagem é uma etapa fundamental na descoberta e na construção de nós mesmos e do mundo. É a nossa consciência que caminha, descobre cada detalhe do mundo e tudo olha de novo como se fosse a primeira vez. A viagem é uma espécie de motor desse olhar novo. Por isso é capaz de introduzir na nossa vida e nos seus esquemas, na sua organização, elementos sempre inéditos que podem operar essa recontextualização radical que, com um vocabulário cristão, chamamos "conversão". Muitas mudanças de paradigma epocais (também eclesiais) tiveram a ver precisamente com a aceitação de um olhar viajante sobre o nosso mundo habitual e as suas convenções. O escritor Bruce Chatwin utiliza, a esse respeito, a expressão «alternativa nómada», expressão secularizada, mas que pode bem ser reconduzida ao campo teológico e bíblico.

Abraão é um errante. Moisés descobre a sua vocação e missão como mandato de itinerância. Muitos dos profetas de Israel, de Elias a Jonas, viveram como exilados e proscritos. Jesus não tinha onde pousar a cabeça e habitava, dando-lhe sentido, um trânsito permanente. Os seus discípulos são convidados aos quatro cantos da Terra. O cristianismo define-se assim através de uma extraterritorialidade simbólica, sem cidade e sem morada, que permite a fenda, a abertura à revelação de um sentido maior. «Passemos à outra margem», propõe-nos Jesus.

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

In "Avvenire"

http://snpcultura.org/a_viagem_sintese_da_vida_crista.html (06/06/2017)

o universo de Camilo em Seide



SUBIMOS A S. MIGUEL DE SEIDE, À CASA DE CAMILO, para perscrutar a dimensão de tragédia do lugar, perceber os passos do seu dramático universo, olhar de perto, quanto se pode olhar, a finalidade de um destino de morte, que ele dizia persegui-lo desde os trinta anos. Fomos lá como quem cumpre uma promessa. Para parar e ver, e rever na memória dos seus livros um mundo edificado por um gigante, com uma vida que foi ela própria um grande romance, como Aquilino nos três fabulosos volumes de “O Romance de Camilo” tão bem foi capaz de analisar. E quando estávamos ali, na emoção de viver a casa amarela, recortei na memória a imponência da árvore, à entrada, de tão elevada carga simbólica, subi a escadaria de pedra e imaginei Camilo, ainda sem os olhos tolhidos de sombras, a olhar os horizontes de paisagens intactas, fixando-se porventura na solidão dos campos, quebrada apenas pelo canto das aves, ou pastoreando a vista até à Serra, que é referência da sua topografia literária.

É dentro das quatro paredes da casa, apesar das inevitáveis sequelas temporais e do incêndio que o imóvel sofreu, que se pode respirar alguma densidade das fatalidades camilianas ou captar a soturnidade do ambiente que, em Seide, foi quase sempre uma inevitabilidade. Também ele, como Nietzsche, poderia ter dito: “Sou a solidão feita sombra”. É por isso necessário, nestes casos de regresso a lugares de tão fundas memórias, e aqui ainda mais, recorrer ao mesmo tempo à imaginação e à visualidade biográfica dos protagonistas para logarmos a introspecção mínima a um universo de tantas pulsões interiores e exteriores.



É nessa dimensão que a visita a Seide se transforma numa viagem em que cada um, conhecendo a tumultuosa vida do autor de “O Amor de Perdição” (o livro mais triste que se escreveu na Ibéria, segundo Unamuno), vai à procura de um mundo perdido na esperança de o

reencontrar, ou pelo menos, pedaços dele e dos dilaceramentos afluentes. Lá estão os espaços compartilhados com Ana Plácido, outro amor de perdição, os quartos comunicantes, e, com maior expressão expositiva, os lugares que, na casa, foram os de produção de escrita e dos livros, uma grande sala cheia de luz, onde há mobiliário de grande significado, como a cadeira de baloiço onde estava Camilo quando disparou a pistola contra a têmpora ou o canapé onde o deitaram e acabou por morrer. Há, também, os livros que se salvaram, e, no rés-do-chão, uma pequena exposição sobre o escritor com virtualidades pedagógicas. Esta perspectiva didáctica alarga-se, paredes meias com a casa amarela, ao magnífico centro interpretativo de Camilo, projecto de Siza Vieira que a Câmara de Vila Nova de Famalicão resolveu fazer, com bibliotecas, salas de estudo, auditório, café, e uns jardins admiráveis. Um local de investigação a que, segundo nos disseram, se ligam universidades e escolas.

Regressámos ainda à casa amarela para olhar a mesa de trabalho do escritor e a imaginação salta outra vez à flor do pensamento. Por momentos, pareceu-me vê-lo debruçado sobre a mesa, iluminado por luz trémula, a escrever os seus romances. E penso no labor que foi a sua vida de lavrar palavras, absolutamente fantástico, e de como ele se transformou num enorme construtor da Língua portuguesa.

Um último olhar sobre Seide. E lembrei-me, subitamente, de uma ideia colhida em César António Molina. É uma referência a um outro grande criador, feita pelo Prémio Nobel polaco Szymborska. Disse ele: “Pobre Cervantes. Não conseguiu em vida mais do que a eternidade”. Podíamos dizer o mesmo de Camilo.

FERNANDO PAULOURO NEVES. Jornalista

<http://www.fernandopaulouro.com/2016/09/o-universo-de-camilo-em-seide.html?sref=fb>

memória

Século XVIII - Igreja Paroquial de Válega



Obra-prima da arte da pintura do azulejo, a **Igreja de Válega, Ovar**, começou a ser construída em 1746, mas as obras arrastaram-se por mais de um século e continuou a receber intervenções até ao século XX. De estilo barroco, o templo, dedicado a Santa Maria, atrai e surpreende pela imponente fachada principal revestida a azulejos representando cenas bíblicas e religiosas, feitos na **Fábrica Aleluia** de Aveiro. A presença da arte de azulejaria está também patente no interior, sendo os da capela-mor da autoria do pintor Jorge Colaço (1868-1942), bem conhecido pela obra que deixou em locais tão emblemáticos como a Estação de São Bento, no Porto, ou na Casa do Alentejo, em Lisboa. A igreja conta ainda como motivos de interesse os vitrais, assinados por **Cuadrado**, de Madrid, a pia batismal do século XVI, o retábulo principal do século XVIII e os tetos, revestidos com painéis de madeiras exóticas, em abóbada de berço. Toda a azulejaria, tetos e vitrais são do século XX. A decoração desta magnífica igreja serviu de inspiração a uma coleção de moda, de produção nacional, onde se alia, designadamente, segundo os mentores do projeto, a «arte de fazer calçado a outras artes».